

# sportyard

Distribuição selecionada,  
venda proibida.

## As aventuras de Marcos Amend

UMA EMOCIONANTE VIAGEM  
DE VELEIRO À ANTÁRTIDA

## Daniel Dias

A ESTRELA DA NATAÇÃO  
PARAOLÍMPICA BRASILEIRA

## Gabriela Pugliesi

A "QUERIDINHA" DO INSTAGRAM  
EM ENTREVISTA EXCLUSIVA



FSC

www.fsc.org

MISTO

Papel produzido  
a partir de  
fontes responsáveis

FSC® C104735



*Acredito que esta seja a edição da Sportyard, desde que sou editora-chefe, mais eclética. As matérias vão de ballet a jiu-jitsu. Trazemos fotos incríveis dos X-Games em Foz do Iguaçu e outras maravilhosas do aventureiro Marcos Amend, que é a capa do bimestre.*

*A história dele é simplesmente fascinante! Em apenas um ano, Marcos conheceu as pessoas certas para tornar um sonho de criança em realidade: a tão cobiçada viagem para a Antártida. Mas o que tornou a viagem ainda mais especial é que ela foi feita em um veleiro, na companhia de onze “desconhecidos”. Todos os detalhes da aventura estão na Sunset Bay.*

*Além disso, tivemos a oportunidade de entrevistar, por e-mail, o campeão paralímpico Daniel Dias. Ele recebeu em 2013, pela segunda vez, o Troféu Laureus, considerado o “Oscar do Esporte”. Daniel é um garoto cheio de conquistas e com um futuro ainda mais brilhante pela frente.*

*Também conversamos por e-mail com a famosa “instafitness” Gabriela Pugliesi, que ficou conhecida nas redes sociais pela vida saudável que optou levar. Com bom humor, ela demonstra ser uma pessoa de bem com a vida e jura que é assim graças à alimentação*

*correta e aos exercícios que pratica. Gabriela é um exemplo de superação e já angariou muitos discípulos e discípulas por aí (hoje, tem mais de 195 mil seguidores no Instagram!).*

*Além disso tudo, ainda trazemos a história do garoto Pepê Bueno no motocross e do bailarino internacional Daniel Deivison-Oliveira. A primeira etapa da F-1, o Grande Prêmio Latino-Americano de Jockey Clubs, o feito inédito do jovem golfista Daniel Stapff, pádel e punhobol também recheiam esta edição. Ah, e vocês se lembram do maratonista Marcelo Alves? Ele completou a North Pole Marathon, chegou em sétimo lugar no geral e se tornou o primeiro brasileiro a terminar as duas provas mais extremas do planeta — a outra foi a Ice Marathon.*

*Esta edição da Sportyard está para todos os gostos! Espero que apreciem e aguardo os seus comentários!*

*Boa leitura!*

**RHUANA RAMOS**  
Editora-Chefe - Revista Sportyard

# Editorial

FOTOS MARCOS AMEND

12ª edição











# NAVEGUE FÁCIL.

## FLOATLIFT SUNSTREAM

### ELEVADOR HIDRÁULICO PARA BARCOS

- PRÁTICO E 100% SEGURO
- FÁCIL DE TRANSPORTAR E OPERAR
- OFERECE MAIOR PROTEÇÃO AO BARCO
- MOVIDO À ENERGIA SOLAR
- DESENVOLVIDO PARA LOCAIS RASOS E FUNDOS, COMO BOIAS, PÍERS E MARINAS

A Loja de Barco é representante exclusiva do FLOATLIFT SUNSTREAM, o elevador flutuante líder em vendas no mundo todo. Ligue **48 4141-1812** ou acesse [www.lojadebarco.com.br](http://www.lojadebarco.com.br) para navegar com muito mais conforto e conveniência.



DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO NO BRASIL



LojadeBarco



A FOTO TÃO ESPERADA POR MARCOS: DE CIMA DO MASTRO DO VELEIRO.

MARCOS AMEND:

# SINÔNIMO D

POR RAPHAELA VISCARDI FOTOS ARQUIVO PESSOAL DE MARCOS AMEND

Um sonho de criança que se tornou realidade. Assim pode ser descrita a aventura de Marcos Amend, 45, após sua fascinante viagem de veleiro à Antártida. Fotógrafo e apaixonado pela natureza, ele já se aventurou por vários lugares do mundo, mas sem dúvida a viagem ao Polo Sul ficará marcada para o resto de sua vida. Passar 27 dias embarcados com onze pessoas em condições extremas parece complicado, mas quando se trata de Marcos Amend é apenas mais uma viagem na qual ele se aventurou, encantando-se com as experiências vividas. “Eu estava editando fotos no meu computador quando ouvi uma baleia do lado de fora. Ao sair para vê-la, percebi que um iceberg enorme se aproximava do veleiro, que estava fundeado em Port Charcot, próximo a um paredão de rocha.” Essa e outras façanhas foram contadas por Amend em entrevista exclusiva à Sportyard.

**Sportyard:** Quem teve a ideia de realizar a viagem ao Polo Sul?

**Marcos Amend:** Desde criança tenho um fascínio e muita vontade de conhecer a Antártida, mas o mentor dessa expedição foi o fotógrafo João Paulo Barbosa, que é um grande apaixonado e estudioso do continente gelado. Nos conhecemos cerca de um ano antes, quando ele foi curador de uma exposição sobre Parques Nacionais da qual participei. Mas ele e eu havíamos nos encontrado apenas uma vez antes do convite. A decisão de realizar a viagem foi “no susto”.

**S:** Como assim, “no susto”? Em que momento você disse “é agora”?

**MA:** Eu estava trabalhando em casa quando o celular

tocou e o João me falou da ideia. Ele e o triatleta Alexandre Manzan já estavam decididos a ir e estavam na busca de mais quatro que topassem. Já havia algumas outras pessoas interessadas e o prazo para reservar o veleiro estava bem apertado. Quando ele começou a me falar do projeto, tive alguns flashes de sanidade pensando na minha pouca experiência em navegação oceânica, nos perigos de uma expedição para um lugar tão remoto, na complicação logística, na travessia da passagem de Drake e no custo. Mas felizmente a minha impulsividade falou mais alto e a resposta imediata foi: "Eu vou! Ainda não sei como vou fazer para me organizar e para conseguir a grana, mas reserva minha vaga que estou dentro".

**S:** Como foi o relacionamento com toda a tripulação, você já os conhecia antes?

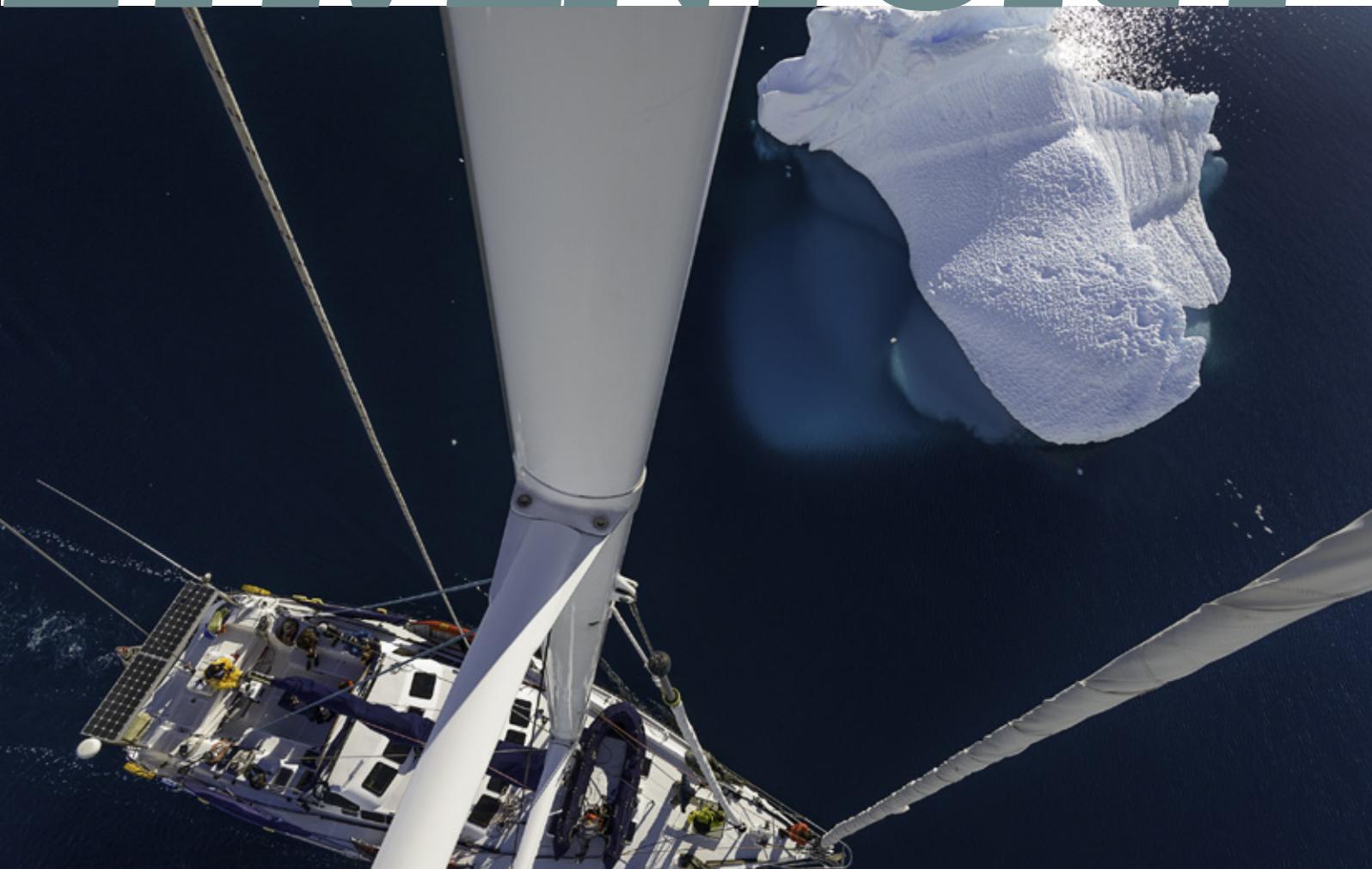
**MA:** Eu não conhecia ninguém mais da expedição, e

mesmo assim resolvi assumir o risco. Saiu tudo muito bem, apesar de todas as chances de acontecerem problemas de relacionamento durante viagens desse tipo. O convívio de onze pessoas em um espaço limitado sob condições extremas pode ser bastante complicado, mas todos do grupo tinham um excelente senso de convivência. Cada um cumpriu com seu objetivo na viagem sem entrar em conflito com os demais.

**S:** Qual foi a maior dificuldade que você enfrentou para realizar esse sonho?

**MA:** Para falar a verdade, as coisas fluíram de maneira surpreendentemente fácil para a expedição. A coisa mais complicada foi organizar a minha vida profissional para que eu pudesse passar um mês inteiro sem nenhum tipo de comunicação. Naquele momento, eu ainda era diretor de uma ONG ambiental e estava envolvido com um bocado de

# E AVENTURA



burocracia institucional. Mas no fim das contas as amarras que a gente pensa que tem estão mais dentro na nossa cabeça. Todo mundo é capaz de passar um mês isolado e o mundo não acaba.

**S:** Em algum momento você chegou a temer de que essa ideia não daria certo?

**MA:** Para falar a verdade, eu simplesmente deixei a minha impulsividade tomar conta dos meus atos. Acreditei no projeto, relacionei as coisas que precisavam ser resolvidas antes da partida e fui disciplinado para fazer o que precisava ser feito. Em nenhum momento considerei a possibilidade de a expedição não sair.

**S:** Houve algum momento durante a viagem em que você pensou que poderia morrer?

**MA:** O maior temor naturalmente era a passagem de Drake, que é considerada por muitos a pior área de navegação do mundo. Já tinha lido relatos sobre as tempestades e naufrágios na região, mas tentei não pensar muito nisso. Uns dias antes de sair tive a infeliz ideia de entrar no YouTube e ver alguns vídeos da navegação do Drake. É de arrepiar! Mas a tripulação era muito experiente e a navegação era sempre planejada em função dos dados climáticos que eram atualizados diariamente. Assim, fomos desviando do tempo ruim durante quase toda a viagem. Até que, no meio da travessia da volta, o capitão anunciou que naquela noite teríamos que atravessar uma zona de ventos mais fortes. Foram várias horas chacoalhando muito, sentindo a força do vento, vendo pela escotilha as ondas passarem por cima do convés do veleiro e, literalmente, pensando o que faria na hipótese (cada vez mais presente) de o veleiro tombar ou naufragar. É a melhor maneira de tornar as pessoas religiosas, porque até os ateus estavam rezando (risos). Pela pouca experiência de navegação oceânica, não sei avaliar o quão ruim era a nossa situação, mas certamente passei várias horas temendo pela minha vida.

**S:** Você cita, em um relato feito em sua página de relacionamentos, que o “dia sem fim” foi o mais especial da viagem. Como foi esse dia?

**MA:** Nesse dia amanhecemos em Dorian Cove, que é o local onde o Amir Klink (um dos grandes inspiradores da minha vontade de ir para a Antártida) havia passado o inverno. Saímos para navegar com vista para uma cadeia de montanhas maravilhosa chamada Seven Sisters, na companhia de uma baleia-jubarte que escoltou o veleiro na

saída do canal. Estávamos no rumo do Estreito de Lemaire, considerado um dos locais mais cênicos do continente gelado. No meio do caminho, passamos por um iceberg onde uma foca-leopardo (um dos maiores predadores do continente) descansava ao lado de dois pinguins. Ao entrar no Estreito, entendemos a fama do local: paredões de rocha quase verticais despontavam do mar formando picos impressionantes, geleiras, icebergs, e muitas baleias se alimentavam em volta do veleiro. No fim do canal, subi no mastro do veleiro para fotografar (um fetiche antigo), bem no momento em que entrávamos no “cemitério de icebergs”. Esse é um local onde a profundidade do mar é menor e os ventos do sul fazem com que muitos icebergs encahem e acabem ficando por ali mesmo até derreterem totalmente. É uma paisagem absolutamente surreal. Nessa noite (que na verdade não é noite, porque não chega a escurecer), eu estava editando fotos no meu computador quando ouvi uma baleia do lado de fora. Quando saí para vê-la, percebi que um iceberg enorme se aproximava do veleiro, que estava fundeado em Port Charcot, próximo a um paredão de rocha. Avisei o capitão que imediatamente acordou toda a tripulação com o intuito de mover a embarcação para uma ancoragem mais segura. Naquele momento, começamos a navegar por entre os icebergs em um mar que parecia um espelho. O céu tinha uma coloração rosada que refletia na água, contrastando com um azul claro e suave do gelo. Foi o momento de maior frio da viagem, mas ninguém que estava ali sequer cogitou entrar na cabine aquecida do veleiro. Ficamos todos fotografando e, acima de tudo, desfrutando daquela paisagem absolutamente maravilhosa. Fui dormir perto das 4h da madrugada, com a cabeça tentando processar toda a intensidade daquele dia.

**S:** Qual foi a maior dificuldade enfrentada durante a viagem?

**MA:** Foi o tempo das travessias. Quem não pertence ao mar precisa passar a maior parte do tempo deitado, que é a posição que enjoa menos. Mas isso destrói a coluna, é extremamente desgastante. A navegação exige muito do nosso corpo, da nossa paciência e dos nossos nervos. Mesmo tendo muita sorte com o clima, a travessia é sofrida. A alimentação é difícil, nunca comi tanta maçã na vida. E a gente precisa ocupar o tempo com leitura, às vezes um filme. Até conversar é difícil porque todo mundo acaba ficando meio mal humorado.

**S:** Como a sua família reagiu quando você contou que

ia viajar de veleiro para a Antártida?

**MA:** Isso foi engraçado, porque só contei para as pessoas que ia para lá uns dias antes da viagem. Toda a fase de planejamento foi feita em segredo. A reação da minha mãe quando contei, apenas quatro dias antes de partir, foi arregalar os olhos e falar: “Mas você não vai subir aquelas montanhas de lá, vai?” Mas todos encararam muito bem, porque sabem que essas coisas fazem parte da minha vida.

**S:** Como você descreveria a Antártida?

**MA:** É o único continente que pertence à natureza. Os homens só estão ali de passagem, pessoas não nascem na Antártida. Ela é dos pinguins, das focas, das baleias, dos icebergs, das montanhas. E essa realidade inunda a gente com a verdadeira noção de qual deveria ser o nosso papel no planeta.

**S:** E como você diria que a Antártida contribui com o nosso papel no planeta?

**MA:** Há mais de dez anos eu dedico meu esforço profissional ao ensino e uso meu conhecimento em economia para a conservação da natureza. Essa abordagem me deu uma visão muito pragmática sobre a relação da sociedade com o meio ambiente. E acho que as coisas não andam nada bem! São poucos os lugares do planeta onde o homem ainda não conseguiu exercer esse papel de “dominador e transformador”, que ele acha que deve ter. Por conta disso, me fica a impressão de que nos lugares extremos como a Antártida o homem é obrigado a adotar um comportamento mais próximo do que deveria ter nos outros lugares também. E assim dá para perceber melhor qual é o nosso papel no planeta.

**S:** Há alguma razão especial por você ser apaixonado por esse tipo de aventura?



“ELA [A ANTÁRTIDA] É DOS PINGUINS, DAS FOCAS, DAS BALEIAS, DOS ICEBERGS, DAS MONTANHAS”, DIZ MARCOS.



EMBARCAÇÃO DA  
AVENTURA NA ANTÁRTIDA.

**MA:** Eu sou apaixonado por natureza desde moleque. Enquanto os amigos adolescentes passavam os fins de semana em festinhas, eu ia acampar na Serra do Mar, Ilha do Mel, Campos Gerais, enfim, nos locais de natureza próximos a Curitiba, onde nasci e vivi até os 20 anos de idade. Há mais de 25 anos, me dedico de alguma forma a trabalhar pela conservação e também por fazer fotografia de natureza. E há 12 anos, isso virou minha profissão, o que faz com que eu me sinta muito privilegiado.

**S:** Além de aventureiro, você também é fotógrafo. O que a fotografia significa para você?

**MA:** A fotografia é quase uma terapia para mim. Eu tenho uma cabeça que não para nunca, estou o tempo todo processando informações pessoais, profissionais, existenciais, essas coisas. E isso cansa muito! Mas quando

coloco o olho na ocular de uma câmera, todo o resto “deixa de existir”. A atividade da fotografia é um dos poucos momentos que faz com que meu cérebro fique 100% dedicado. E é uma das maneiras legais que encontrei de juntar meus interesses em raciocínio lógico, estética plástica e natureza. Talvez por esse papel de “válvula de escape” que a fotografia tem para mim, nunca tive a intenção de me tornar fotógrafo em tempo integral. Acho interessante manter essa capacidade de fotografar quando, onde e o que me interessa mais. E até de não ter a obrigação de fotografar quando achar que não devo.

**S:** Qual foi o primeiro pensamento que veio quando você deitou na sua cama depois dessa aventura na Antártida?

**MA:** Quando a gente volta de um lugar desses, o



pensamento que vem na cabeça é “será que isso aconteceu mesmo?” A gente sente um misto de realização, saudade imediata, vontade de compartilhar com as pessoas especiais, enfim, um bocado de informações para serem processadas. Mas o que fica mesmo é uma sensação de felicidade intensa.

**S:** Você faria tudo de novo?

**MA:** Não só faria, como já estamos planejando a próxima ida. A Antártida fica impregnada na gente, não tem jeito. Ela estará nos meus planos enquanto eu tiver saúde para essas viagens.

**S:** Na próxima viagem, você irá seguir o mesmo roteiro ou terão novidades?

**MA:** A gente ainda tem alguns objetivos a cumprir dentro do roteiro que fizemos. Mas obviamente há uma intenção geral de visitar novos lugares. A Antártida é um continente imenso e, usando uma metáfora adequada, não chegamos a conhecer nem a pontinha do iceberg.

**S:** Qual foi outro lugar marcante no qual você se aventurou?

**MA:** Em 2001 e 2002, fui gerente do projeto de ecoturismo da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. Isso me proporcionou a felicidade de morar por quase um ano e meio em uma casa flutuante no meio da floresta amazônica. Foi um período de convivência intensa com as populações ribeirinhas, botos, jacarés, macacos e com a floresta. Essa experiência mudou totalmente o rumo da minha vida e reorganizou minha escala de valores. Por isso sou um apaixonado pela Amazônia. Aliás, depois dessa experiência na Antártida, eu já posso afirmar que sou apaixonado pela natureza do nosso planeta literalmente do Equador aos Pólos.

**S:** Qual era o objetivo desse projeto?

**MA:** Mamirauá foi a primeira Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) do Brasil. RDS é um dos modelos de área protegida que busca integrar a conservação da natureza à manutenção da qualidade de vida das populações locais. Nesse contexto, o programa de ecoturismo é uma das iniciativas de geração de renda

para as comunidades ribeirinhas que vivem na reserva e no seu entorno. A possibilidade da observação de fauna, visita a ecossistemas amazônicos e contato com a cultura ribeirinha são os grandes atrativos do lugar.

**S:** Por que você acredita que essa experiência mudou o rumo da sua vida e seus valores?

**MA:** Eu assumi a gerência da pousada quando ela estava na fase final de construção, então fui responsável por implantar o produto em campo. Morei por quase um ano e meio em uma casa flutuante tendo botos-cor-de-rosa, jacarés, macacos e onças como vizinhos. Meu único contato com o mundo exterior era via rádio, com o escritório do instituto em Tefé. A pousada fica em uma região de várzea onde o nível da água chega a variar doze metros da seca para a cheia. Ou seja, é um lugar onde a natureza manda. Quem quiser viver ali precisa se adaptar aos caprichos do ambiente. Eu trabalhava com mais um biólogo, que atuava como guia naturalista, e todos os outros funcionários eram ribeirinhos. Essa era uma das coisas mais gratificantes do trabalho: conviver e entender um pouco mais da cultura dessas pessoas e ter o privilégio de conseguir enxergar um pouco da natureza através dos olhos deles. Quando saí de lá, fui morar no Rio de Janeiro, mas muitas coisas que antes tinham importância na minha vida foram descartadas, meu modo de vida havia mudado muito. Tentei voltar a morar em Curitiba depois, mas desde essa experiência Amazônica, viver rodeado de edifícios e tendo que enfrentar congestionamentos passou a não fazer mais o menor sentido para mim.